

amor, desespero e o pior das probabilidades

Jeison Izzo¹

Sexta-feira, cinco horas da manhã. Irina abre os olhos e encara com pesar o travesseiro ao lado. Levanta relutante. No banheiro, encontra duas escovas de dente na caneca de porcelana. Aí já não consegue conter o choro. Depois de urinar aos prantos, dá descarga e desloca-se até a antiga despensa, convertida em escritório improvisado que abriga uma prancha de desenhista, lousa de cortiça com lembretes espetados, projetos estruturais, chaves, rascunhos e anotações recentes do marido. Sasha era devotado ao trabalho. Ali, no escuro, Irina sente a força esmagadora da tristeza e uma saudade incontrolável. Sai rapidamente, soluçando. Precisa lutar e seguir em frente. Mas, sozinha é difícil demais. *Está separado. Não vai demorar.* Na casa vazia, mescla-se às sombras. Anda de camisola e pantufas. Parece um fantasma. Entre uma passada e outra, recorda-se da família.

Perdas súbitas são as piores.

Segue-se uma ânsia em tempo integral, desgosto permanente. Sentimento denso que comprime o peito. Atravessa o corredor e chega ao quarto do filho. Suspira e entra, mesmo sabendo que será acometida por mais melancolia. Durante longos instantes, conserva-se imóvel, fitando a penumbra. Entre as paredes opressivas, quietude de cemitério. Acomoda-se no banquinho próximo ao abajur e agonia-se outra vez. Os cabelos estão desarrumados e os olhos inchados de lamúria.

Quase seis da manhã. Vários sons entram pela veneziana. Carros, caminhonetes, o padeiro de bicicleta e sua buzina peculiar. Murmúrios que indicam o começar do dia. Devagar, os primeiros raios de sol incidem sobre o vidro da janela e invadem, cautelosos, o ambiente. É uma luz fraca, diáfana e agradável. Nessa aurora pouco convincente que se propaga pelo lugar, os móveis parecem não ter firmeza. São volúveis e espectrais, figuras pintadas em aquarela. Borradas em carvão, como se estivessem voltando à realidade.

Irina derrama toda a ânsia incontrolável e o lamento materno ganha corpo. Recorda momentos, tantos deles e tão fugidios. Desde o nascimento até antes do transcorrido.

Sete horas e ainda continua sentada. Cada minuto que passa torna o sol mais intenso e a mobília ganha forma e contrastes bem definidos. As coisas nascem. Aparecem para um novo dia de ausência. Vários objetos que outrora tiveram utilidade, agora não são mais que memória: cesto de lixo, calendário, caixinhas com

¹ Jeison Luis Izzo nasceu em 1976. Cresceu ouvindo relatos dos mais variados na pequena cidade do interior em que passou grande parte da infância e onde as pessoas adoravam contar histórias para crianças curiosas. Formou-se em Letras e atualmente, tem mais de três mil páginas escritas, centenas de narrativas, ilustrações e muitas ideias para o futuro. É autor do livro “À sombra do carvalho e outras histórias”, publicado pelo Grupo Editorial Atlântico. E-mail: jeisonizzo13@gmail.com.

clipes, canetas, computador, camisetas dobradas sobre a cadeira, livros e a máquina fotográfica.

Tudo fica visível. Não há mais meia-luz ou detalhes escondidos na ubiquidade da alvorada. E assim piora. Na estante repousam álbuns, retratos, vinis e livros. Embaixo do Buda de mármore há uma fotografia de um mendigo sorrindo, mostrando uma fileira de dentes podres. Parece satisfeito ao relento. Em preto e branco, um momento belo e, ao mesmo tempo, depressivo capturado pelas lentes do primogênito. Do lado, um bilhete com boa caligrafia onde se lê:

Você pode até discordar, mas Picasso tinha razão.

Irina não sabe o que é e nem faz ideia sobre o quê Picasso tinha razão. Nem imagina para quem era a nota. Foi escrito por Rafael, sem dúvida. Entristece ao ver as últimas fotos tiradas pelo menino, como era chamado. Ah, menino, não teve jeito. Mesmo depois de tanta conversa, o garoto optou por seguir a senda tortuosa do pai.

Do lado de fora, a rua começa a fervilhar de gente sob o sol forte. O padeiro volta para casa. Está exultante, vendeu todos os pães. Põe lenha no forno de barro, tipo iglu, acende o fogo e prepara a massa da tarde. Mistura farinha e fermento sob os olhos atentos do filho, que um dia também será padeiro. Mas ainda não sabe disso.

No ponto de ônibus, algumas pessoas examinam o céu azul e desejam estar em outro lugar. Talvez numa praia, caminhando em areia inexplorada. Outros bocejam e não desejam tanto. Apenas retornar para a cama e dormir mais um pouco. É a vida. A rotina da existência. Às vezes amarga e insatisfatória. Às vezes feliz e plena. Sempre difícil.

Irina atenta-se ao ambiente. Quer preencher as lacunas.

Deixa o banquinho duro e se ajeita na poltrona confortável. Então, abre a gaveta e remexe a papelada. Espia os objetos pessoais. Agora, não tem problema de privacidade. Aprecia as polaroides do filho. Prédios, interiores, amigos e paisagens. Há um registro dele com ela. Irina separa e abre outra gaveta. Vê documentos falsificados. Quanto tempo antes de descobrirem?

Agora se preocupa. Só agora. Sempre fez vista grossa, confortável na própria ignorância. *Bem rápido, se é isso que te preocupa.* Precisa de café encorpado. Na cozinha, não tem nada limpo. A louça está acumulada desde o dia do velório. Lava o bule, o coador e faz um cafezinho sem capricho. Adoça e toma, pensando em como, de uma hora para outra, a situação pode desandar.

Põe a xícara na mesa repleta de formigas e dirige-se à garagem vazia. Vê bicicletas, varas de pescar, ferramentas e tranqueiras amontoadas que remetem aos dois. Procura sinais que ajudem na compreensão. Percebe manchas viscosas no chão, marcas de pneu, barro e pó de borracha preta. Respingos de sangue também. Nada faz sentido. Talvez o óleo. Volta para cozinha. Abre o *freezer* e, no interior, debaixo das carnes, destranca o compartimento oculto. Pega a maleta e confere o conteúdo. Cédulas com símbolos maçons e rostos de presidentes americanos. As notas mais manuseadas do planeta estão escondidas no frio, entre coxas e sobrecoxas de frango. Contempla-as por intermináveis minutos na esperança de que elas se transmutem em significado. Não há transmutação. Apenas dúvidas e pesar. Que vai fazer com tanto dinheiro? E as investigações?

Depois de lamentar a dupla perda, fecha a valise e a coloca de volta. Enche um copo com água da torneira. Pega a caixa de *benzodiazepínico*, a maior

concentração vendida. Separa vinte comprimidos e toma todos num só gole. Ajoelha-se diante do fogão, aciona o botão do forno e enfia-se dentro dele como uma avestruz de *cartoon*. Em pouco tempo, Irina morre escorada na grade suja de gordura de cordeiro. Finou-se pensando nos entes perdidos e no pior das probabilidades.